

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa | Na Companhia de William Greaves
17 e 29 de Outubro de 2025

JUST DOIN' IT (A TALE OF TWO BARBERSHOPS) / 1976

Um filme de William Greaves

Realização: William Greaves / Argumento: William Greaves e Lou Potter / Direcção de Fotografia: William Greaves e David Greaves / Som: Stanley Nelson / Montagem: William Greaves e David Greaves.

Produtores: William Greaves e Lou Potter / Cópia DCP, colorida, falada em inglês com legendas electrónicas em português / Duração: 29 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

NATIONTIME / 1972

Um filme de William Greaves

Realização: William Greaves / Comentário: William Greaves / Direcção de Fotografia: William Greaves e David Greaves / Música: Phil Cohran / Som: Donald Greaves / Montagem: William Greaves e David Greaves / Narração: Sidney Poiter e Harry Belafonte.

Produtor: William Greaves / Cópia DCP, colorida, falada em inglês com legendas electrónicas em português / Duração: 80 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão de dia 17 com apresentação de David Greaves

The whole issue for me is the dignity of the black community.

(William Greaves)

A ideia da barbearia como pilar comunitário, pequeno centro de trocas e partilhas, é levada a fundo por William Greaves em **Just Doin' Time – um conto de duas barbearias**: meia-hora de convívio e conversa, entre clientes, barbeiros, e gente que só passou por ali para cumprimentar, como também acontece muito nas barbearias. As barbearias estão em Atlanta, na Geórgia, portanto no coração do “Gone with the Wind country”, nesse sul dos EUA de tão complexa e conflituosa relação com a população negra americana. É um filme que vive muito, claro, da espontaneidade dos sujeitos

filmados, da extroversão e da facilidade com que se põem a “dizer coisas”, mas será de notar a que ponto a montagem imprime, acelera, um ritmo aos procedimentos, como se catalisasse a energia que está subjacente aos indivíduos e à sua predisposição para falarem. Greaves comentou que não partiu para o filme com um “tema” definido para agregar as conversas, sabia apenas (“cresci ao pé de barbearias negras”) que ali encontraria energia mais que suficiente para fazer um filme – e como quem se oferece assim ao “real” costuma ser compensado, um dos imprevistos do filme está na aparição de um sobrinho de Martin Luther King, que Greaves jura ter sido da ordem do puro acaso. Claro: as conversas convergem naturalmente para questões políticas e sociais, porque “we’re coming out of the civil rights era” (Greaves), e esse mote tornou-se no princípio agregador da montagem (há, também, referências ao Vietname). Greaves falou ainda do sentido do título do filme, *just doin’ it*, dando-lhe duas camadas de sentido. Uma, coloquial: “*just doin’ it* means “*everything is okay. But it also means that you’re doing the best you can under the circumstances, in the face of whatever the adversities of life are for you. “Just doin’ it” is a way of enjoying whatever is going on. It’s just enjoying being*”. Outra, mais profunda: “*the African American has been under assault for hundreds of years. Today the assault is not as vicious physically as it has been, but psychological assaults are still taking place. There have been so many assaults that it’s almost a miracle that African Americans have survived, and the fact that we have survived what we’ve survived is part of “just doin’ it”*”.

Nationtime (também conhecido por **Nationtime – Gary**, a partir da cidade do Indiana onde a acção se passa), em termos de *registro* documental, é um dos filmes mais importantes de William Greaves. É o único documento filmado (pelo menos em substância considerável) de um importante encontro, a National Black Political Convention, organizado em Março de 1972, que reunia delegações e representantes políticos afro-americanos vindos de todos os Estados Unidos. Era um encontro bipartidário, ou seja, aberto a membros tanto do Partido Democrata como do Partido Republicano, e visava justamente encontrar uma plataforma de unidade (ao nível do discurso e das preocupações) que permeasse as “primárias” de ambos os partidos, marcadas para mais tarde nesse ano de 1972.

Quando falamos de *registro*, queremos dizer que a preocupação do filme é, sobretudo, arquivística, e que toda a elaboração formal (a montagem, sobretudo) está ao serviço dessa clareza documental. Se a câmara de Greaves (ou dos Greaves, pai e filho) está atenta aos bastidores, e os planos da assistência são um contracampo frequente para o que se passa no palco principal, o seu objecto é menos compor um retrato global (ou, digamos, *wisemaniano*) do ambiente da convenção do que preservar os seus acontecimentos centrais: os discursos e as intervenções, de algumas figuras centrais da política e da sociedade afro-americanas nesses primeiros anos pós-Civil Rights, como Bobby Seale, Jesse Jackson, Amiri Baraka, Betty Shabazz (a viúva de Malcolm X), incluindo alguns momentos de *entertainment* (nomeadamente, o registo do mini-concerto de Isaac Hayes). As intervenções são filmadas à la longue, em extensão, e a montagem não funciona em distração do que está a ser dito – mesmo variando o campo e os ângulos, nunca foge da oralidade nem do seu teor. E é nisso, e por isso, que se constitui em documento, de inestimável importância histórica.

Luís Miguel Oliveira